

IDEALISMO OBJETIVO E A POSSIBILIDADE DE UM FUTURO HUMANISMO:
CONSIDERAÇÕES A PARTIR DE VITTORIO HÖSLE

Gabriel Almeida Assumpção¹

RESUMO

Vittorio Hösle empreende uma análise histórica de características do humanismo, bem como do seu declínio. Por humanismo, o filósofo compreende, em sentido amplo, todo movimento intelectual que confere uma posição privilegiada à humanidade em sua interpretação da realidade, bem como em sua axiologia. Já em sentido estrito, foi um movimento específico da baixa Idade Média e do início da Era Moderna que contribuiu decisivamente para a gênese da modernidade. Fazem parte da mentalidade humanista valores Greco-romanos e também algumas concepções cristãs, como a universalização de valores.

Entre alguns fatores que levaram o humanismo ao declínio, Hösle enumera a Reforma (que promoveu uma antropologia pessimista); a formação da ciência moderna, que rompia com a visão de mundo clássica. Esse fator possui vínculos estreitos com o rompimento com a teologia racional (e com a metafísica platônica, que era sua base filosófica). Ao se romper com uma teologia com base filosófica em Platão, fundador do idealismo objetivo, tornou-se difícil se ater a uma convicção de que valores são mais que entidades físicas ou sociais. Por idealismo objetivo – termo que procede de Dilthey – entenda-se uma forma de filosofar que inicia com Platão e que se encontra em filósofos como Anselmo e os idealistas alemães Schelling e Hegel. Tal forma se opõe ao

¹ Bacharel em Psicologia e Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Bolsista do CNPQ. Orientador: Prof. Dr. Leonardo Alves Vieira. E-mail: gabrielchou@gmail.com.

naturalismo, reconhecendo uma realidade para além do sensível, mas sem reduzir o sensível a construções subjetivas ou sociais (tal como o idealismo subjetivo).

Segundo Höhle, o idealismo objetivo permite a postura que chama ‘realismo moral’: como há conceitos que existem independentemente da mente humana – como o belo e o bom – o que permite à lei moral ser irreduzível a um dado empírico ou a fato social. A tarefa da filosofia, nesse sentido, seria captar os desdobramentos dessa rede conceitual que subjaz ao mundo.

Outra causa do declínio do humanismo é que, com o estudo aprofundado da Antiguidade, começou-se a perceber que não se trata de apenas uma antiguidade, que ela não é um todo homogêneo e que seus valores mudaram ao longo da história. Novamente, valores morais passam a ser questionados. A importância de Nietzsche nesse sentido é reconhecida por Höhle. Nietzsche vira problemas na filologia clássica de seu tempo: não se preocupava mais em aprender **dos** antigos, mas apenas **sobre** os antigos. Isso encontra reflexos, para Höhle, na educação de hoje, em que vemos o declínio do ensino de línguas clássicas e da leitura de clássicos nas escolas.

Um novo humanismo, para Höhle, deve ser menos antropocêntrico, levando em conta a crise ecológica e reconhecendo o ser humano como parte de um todo maior, a natureza. O filósofo acentua a importância de mais crítica em relação à cultura ocidental e de certo pessimismo em relação ao ser humano – sem ceder, no entanto, ao relativismo e ao niilismo. O idealismo objetivo, nesse sentido, permite preservar as conquistas duradouras do humanismo clássico: a crença em valores universais e a valorização da concepção de mundo Greco-romana, na qual o ser humano é considerado parte da natureza, e não dominador da mesma.

Palavras-chave: Crise ecológica; Höhle, Humanismo, Idealismo Objetivo.

INTRODUÇÃO: OS SENTIDOS DE HUMANISMO

Irei trabalhar um filósofo ainda pouco conhecido, mas que se debruça sobre uma variedade de temas, desde o terceiro mundo até o diálogo como gênero filosófico. Höhle ocasionalmente reflete sobre o humanismo em seus textos, e oferece justificativa para tal: segundo o filósofo, a reflexão filosófica sobre o humanismo é algo desejado porque a autorreflexão constitui a essência da humanidade, e uma autorreflexão elevada como no caso do humanismo – a interpretação de si do ser humano – é central à existência humana (HÖSLE, 1998a, p.167). Nogare (1983, p. 15) aponta três sentidos fundamentais da palavra ‘humanismo’, e esses três sentidos se relacionam entre si:

- a) Humanismo histórico-literário: possui raízes nos séculos XIII e XIV, tem seu auge nos séculos XV e XVI e continuidade até nos séculos XVII e XVIII. Características: estudo de grandes autores Greco-romanos; tentativa de imitação de seus valores e formas literárias.
- b) Humanismo de caráter especulativo-filosófico: pode significar qualquer conjunto de princípios doutrinários referentes à origem, natureza e destino do homem. Seria qualquer doutrina que dignifica o homem. Trata-se de uma noção bem ampla de humanismo. O humanismo Greco-romano, por exemplo, valoriza a beleza, a força, a harmonia, a virtude e o heroísmo. Já o humanismo cristão valoriza o homem como pessoa, princípio autônomo e voltado para Deus.
- c) Humanismos contemporâneos, imanentistas. É digno de nota que “O humanismo contemporâneo secular é, ele mesmo, ligado à herança cristã, sem o qual seria inteiramente incompreensível; talvez nem mesmo possível².” (HÖSLE, 2013b, p. 304).

Höhle segue linha semelhante e afirma que o Humanismo, num sentido mais amplo, pode ser designação dada a todo movimento intelectual que reconhece, em sua interpretação da realidade e em sua axiologia, uma posição privilegiada à humanidade (próximo da definição ‘b’ de Nogare). Já no sentido mais estreito, humanismo é um movimento específico da Idade Média tardia e do início da Era Moderna que contribuiu

² No original: “*Contemporary secular humanism is itself bound to a Christian heritage, without which it would be entirely incomprehensible, perhaps not even possible*”. (tradução nossa)

– devido à sua recepção da antiguidade Greco-romana – para a gênese do projeto da modernidade (próximo da definição ‘a’ de Nogare). Há indícios de que tal projeto fracassou e, portanto, uma análise desse movimento histórico concreto representa tomada de posição diante de tarefas futuras como, por exemplo, a crise ecológica. (HÖSLE, 1998a, p.168). Isso se deve ao fato de que o lugar do ser humano no cosmos, para usar uma expressão de Scheler, é inseparavelmente ligado à forma como se lida com a natureza.

O DECLÍNIO DO HUMANISMO

Uma relação especial com a cultura Greco-romana pertence ao humanismo em sentido mais estreito (NOGARE, 1983, p. 25). Considerando isso, uma queda na familiaridade com línguas clássicas e com a cultura Greco-romana, como tem ocorrido desde o fim da Segunda Guerra na Europa Ocidental, parece ser uma das causas da decadência da cultura e do pensamento humanista. Mas, na verdade, esse decréscimo em si é sintoma de uma crise mais antiga e mais profunda. Uma vez que as premissas do humanismo perderam credibilidade, as escolas com currículo humanista matriculam menos estudantes, e cada vez menos pessoas estão convencidas de que o esforço exigido para estudar línguas antigas compensa. Para muitos, não compensa ser capaz de ler os textos mais importantes da literatura Greco-romana nos originais (HÖSLE, 1998a, p.168).

Nietzsche já captara um declínio da filologia clássica e tinha consciência dos aspectos repelentes da cultura grega, como a escravidão (HÖSLE, 1998a, p.179). O sentimento de distância permite também a análise de aspectos negativos daquilo que se analisa, o que não era possível quando se idealizava o objeto de estudo. A filologia romana do século XIX acaba fornecendo, por isso, uma imagem mais precisa da Grécia do que em séculos anteriores. Nietzsche, inclusive, chega (2008, p. 33) a cogitar a filosofia como uma importação de conhecimentos orientais, apontando que a *Bildung* dos gregos não foi algo original, mas absorção da formação de outros povos.

Nietzsche percebera, ainda nessa linha de raciocínio, algo sutil na filologia clássica do século XIX que viria a ser uma das causas do declínio do humanismo: esse ramo da filologia passara a entrar no ciclo das humanidades ‘livres de valores’, um processo que ia se tornando forte, principalmente na sociologia. Não se quer mais aprender **com** o passado clássico, mas só se quer aprender **sobre** o passado, que se torna objeto de pesquisa alheio ao professor, assim como o inseto é alheio ao entomologista (HÖSLE, 1998a, p.179).

A antiguidade Greco-romana não exerce mais o fascínio que exercera durante séculos. Possivelmente, isso se deva ao rompimento com a tradição no fim do século XX, que provavelmente foi o maior desde o século XV. O que assusta Höhle é que não só se perdeu fé na validade transtemporal de normas mediadas pela cultura Greco-romana, mas também se perdeu fé na própria humanidade. Conceitos humanistas parecem deslocados numa época na qual a desconfiança na natureza humana é muito mais forte do que na idade média, já que se abandonou parcialmente a fé na redenção de um Salvador, o que representava, naquela época, um importante contrapeso à antropologia pessimista.

Quais outros elementos estariam por trás desse declínio do humanismo? Levemos em conta características marcantes da renascença: busca do antigo, criação do novo e valorização do homem. Este último elemento é compatível com o cristianismo, que valoriza a dignidade humana (NOGARE, 1983, p. 72). Os humanistas, diferente dos gregos antigos, negligenciavam o aspecto trágico da existência humana, devido em parte à certeza cristã da salvação, a qual ainda não se tornara frágil. **Um grande avanço, para Höhle (1998a, p.172), nesse primeiro humanismo, teria sido a possibilidade de a consciência ocidental adotar uma forma de pensar alternativa à cultura predominante.**

Há quatro fatores dignos de se mencionar: (a) a Reforma. Lutero era anti-humanista. A síntese entre cristianismo e antiguidade, que era vital ao humanismo, foi mais próxima de se atingir pelos padres da Igreja do que pelos autores do Novo Testamento. É significativo para o filósofo que o maior humanista, Erasmo, não se converteu ao protestantismo (HÖSLE, 1998a, pp.172-173).

(b) A formação de uma nova ciência natural, fundamentalmente distinta da ciência antiga: era combinada com tecnologia e levava a sério a ordem de se dominar a Terra contida em Gn 1:28 (HÖSLE, 1998a, p.173). Esse fator é de particular importância para a temática da crise ecológica, como veremos adiante.

(c) Mudança sutil no conceito de filosofia: o **fator mais importante** para a crise do humanismo. As *Meditações* de Descartes marcam um rompimento mais forte com a tradição do que todas as obras da filosofia do renascimento, tanto em termos de conteúdo, quanto em termos de método. Descartes aumentou a esperança em fundamentação racional do conhecimento, tal como a filosofia analítica no século XX. O humanismo ainda não havia se elevado à autonomia da razão, e ainda conferia muito peso à tradição, e a filosofia moderna permitiu avanços nesse sentido (HÖSLE, 1998a, p.173s).

(d) Há, ainda, uma causa de declínio do humanismo que surgiu de dentro do próprio humanismo: com o tempo, percebeu-se que a Antiguidade não era um todo homogêneo: Vico notara que as concepções morais Socráticas diferiam bastante das homéricas. Quanto mais se estudava a Antiguidade, mais se percebia que ela não possuía um sistema de valores unitário em sua base, mas que mudara fundamentalmente ao longo da história. A Antiguidade passou a perder um pouco de charme, porque não mais se identificava com os ditos valores da mesma, tidos como se fossem um bloco monolítico (HÖSLE, 1998a, p.174). Hösle comenta, em outro escrito, essa questão: “Paradoxalmente, o humanismo entrou em colapso precisamente porque a filologia clássica se desenvolveu nas humanidades modernas, pois se descobriu que não existiu uma só antiguidade, mas uma multidão de concepções morais divergentes que mudaram ao longo da história³” (HÖSLE, 2013a, p. 142).

Uma possível forma de lidar com essas mudanças seria o estudo humanista da Antiguidade, que leve em conta as mudanças históricas desde então, retomando conteúdos centrais da Antiguidade. Isso foi empreendido na Alemanha do século XIX e não subestimou a consciência histórica então adquirida (HÖSLE, 1998a, p.175).

³ No original: “Paradoxically, humanism collapsed precisely because classical philology developed into the modern humanities, because it was discovered that there existed not a single antiquity, but a multitude of divergent moral conceptions that had changed over the course of history”. (tradução nossa).

Por que o segundo humanismo caiu? De um lado, temos a intensificação dos quatro fatores que já levaram à crise do primeiro humanismo. (a) rompimento com a teologia racional, perda da continuidade com a Antiguidade pré-cristã; (b) triunfo das ciências naturais e conseqüente declínio da importância atribuída às humanidades. (c) A filosofia moderna destruiu um dos fundamentos decisivos do primeiro e do segundo humanismo: a convicção de que há valores objetivos e válidos universalmente. Após o colapso da teologia racional e da metafísica platônica, que foi sua base filosófica, não é fácil se ater à convicção de que valores são mais do que entidades físicas ou sociais. Some-se a isso o fato de que a crença numa radical historicidade da existência humana torna implausível o retorno a épocas anteriores – afinal, sem a suposição de constantes antropológicas, sem normas válidas transtemporalmente, tal retorno é apenas um capricho (HÖSLE, 1998a, p.176n).

A POSSIBILIDADE DE UM HUMANISMO ALIADO AO IDEALISMO OBJETIVO

Hösle aborda, em seu artigo sobre o humanismo, a crise ecológica, dizendo que há problemas morais envolvidos, independente das conseqüências para a humanidade. O antropocentrismo não estaria ligado a essa crise? (HÖSLE, 1998a, p.181s). O ser humano é parte da natureza, e continua ligado a ela. Uma ética plausível deve levar em conta que o ser humano não é o único ser com valor intrínseco (HÖSLE, 1998a, p.182s).

Tal tarefa envolve a defesa de um realismo moral (HÖSLE, 1998a, p.183): O idealismo objetivo, ou seja, a possibilidade de possuímos conhecimento sintético *a priori* que descubra algo *independente* de nossa mente é de grande importância para a filosofia moral, por fundamentar a postura que o filósofo (1998b, p. vii) chama ‘realismo moral’: A lei moral não é um objeto físico e tampouco um fato social, mas ela

é; ela pertence a uma esfera ideal do ser que determina parcialmente as estruturas do ser real (tanto em seus aspectos físico quanto mental e social).

Segundo Höhle (2003, p. 115), O conhecimento apriorístico não deve ser necessariamente apenas subjetivo: tomemos como exemplo a tradição do **idealismo objetivo**⁴, na qual **o conhecimento apriorístico pode apreender a essência da realidade**. Para tais posições éticas, o platonismo continua oferecendo a melhor fundamentação (HÖSLE, 1998a, p.184). Nesse sentido, uma combinação de platonismo com uma ética universalista como a de Kant e a de Hans Jonas deve ser a base para um novo humanismo, uma base que deve se tornar mais concreta e ser modificada (HÖSLE, 1998a, p.184).

Influenciado por Jonas, Vittorio Höhle defende uma base metafísica para a ética (HÖSLE, 2003, p.117). Uma ética de hoje precisa ser ainda mais universalista que a de Kant, levando em conta as gerações futuras (HÖSLE, 2003, p.119).

Um novo humanismo deve levar em conta um certo pessimismo em relação ao ser humano: é, para Höhle, bem ingênuo afirmar bondade na natureza humana após o século XX, com regimes totalitários, duas Guerras Mundiais, campos de concentração e de extermínio em massa (Alemanha nazista, Camboja e Ruanda). Quanto mais o poder da humanidade aumenta, mais parece que nossas falhas morais também aumentam (HÖSLE, 1998a, p.181). Höhle (1998a, p. 182) também menciona a importância de mais contato com o Oriente.

CONCLUSÃO

As reflexões de Vittorio Höhle sempre são pautadas pela importância de se preservar a postura filosófica que ele defende como idealismo objetivo: a convicção de que se pode ter conhecimento da realidade; de que esse conhecimento não é apenas subjetivo e que, finalmente, a realidade apresenta graus diferentes, não se reduzindo ao

⁴ Hegel, Platão, neoplatônicos e alguns filósofos cristãos medievais, por exemplo.

empírico ou ao espiritual. Os problemas na argumentação de Hösle, nesse sentido, serão na defesa dessa postura forte em termos metafísicos.

O diálogo sólido do filósofo com a tradição filosófica e com as ciências modernas é algo que confere um estilo peculiar a seus argumentos, e chama a atenção, embora o leitor possa acabar distraído diante de tantas referências. Não obstante, a clareza com que defende a importância de um novo humanismo mostra o interesse pessoal e mesmo existencial com que o filósofo se empenha na tentativa de refletir não apenas sobre história da filosofia, mas também de fazer parte dessa história, tentando contribuir com um pensamento original para temas da atualidade.

Ainda que certo pessimismo antropológico seja importante, isso não significa que devemos abdicar dos valores e/ou da reflexão humanista, a qual se faz particularmente urgente em um tempo no qual os investimentos na pesquisa em humanidades têm sido gradativamente suprimidos. Quanto ao diálogo com o oriente, um passo inicial me parece ser pela via da arte popular: tem havido recepção crescente, desde os anos 1980, de desenhos do tipo *anime* revistas do tipo *mangá*, os quais, em alguns de seus gêneros, transmitem justamente valores humanistas: a valorização da humanidade, da dignidade humana, da importância de uma formação em vários níveis – intelectual, física, por exemplo – entre outros. Pode ser um interessante ponto de partida, em termos pedagógicos, inclusive.

REFERÊNCIAS

HÖSLE, Vittorio. “A Metaphysical History of Atheism”. In HÖSLE, V. *God as Reason: Essays in Philosophical Theology*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2013a, pp. 301-312.

_____. “Encephalius: A Conversation about the Mind-Body Problem”. Trans. James Hebbeler. In HÖSLE, V. *God as Reason: Essays in Philosophical Theology*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2013b, pp.101-136 .

_____. Grandeza e limites da filosofia prática de Kant. *Veritas*, v. 48 n. 1, p. 99-119, 2003.

_____ . “Philosophical Foundations of a Future Humanism”, In. HÖSLE, Vittorio. Objective Idealism, Ethics and Politics. South Bend, Indiana: St. Augustine Press, 1998a, pp. 167-185.

_____ . Preface. In HÖSLE, Vittorio. Objective idealism, ethics and politics. Notre Dame University Press, p. vii-viii, 1998b.

NIETZSCHE, Friedrich. A filosofia na era trágica dos gregos. Trad. Fernando R. Moraes de Barros. São Paulo: Hedra, 2008.

NOGARE, Pedro. Humanismos e Anti-Humanismos. Introdução à Antropologia Filosófica. 8ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 1983.